

AS PALAVRAS COMO "DESENHO" NA RELAÇÃO, NA ANÁLISE DOS ADULTOS

Gostaria de evidenciar, por intermédio de um breve exemplo clínico, como as "palavras" dentro da sala de análise são semelhantes a desenhos dentro da relação, com a intenção de sublinhar assim a capacidade de transformação das linguagens e de diminuir as diferenças entre análise de crianças e de adultos.

Foi Tiziana quem me fez pensar claramente no texto verbal de uma sessão como um quadro desenhado por meio de palavras, num período em que eu dava a máxima atenção à comunicação, entendida naquele momento como comunicação a ser considerada primordialmente na transferência, e como tal necessitada de uma constante explicitação.

Tiziana é desde menina "noiva" de um jovem e promissor aluno da Academia de Belas Artes, com o qual vive uma relação muito intensa.

Na análise, o noivo "pintor" apresentar-se-á em dois modos: às vezes será o próprio analista nos seus afrescos interpretativos, na urdidura e na composição dos próprios enunciados, outras vezes será uma parte da paciente que oscila entre duas modalidades de organização, uma narcisista-destrutiva, a outra criativa.

A narcisista será "o noivo que destrói os quadros que faz" (nesse período a paciente não trará nenhum sonho); a criativa, "o noivo que pinta e que conserva os quadros" (a paciente trará os próprios sonhos à análise). Mas, por sua vez, isso refletirá duas modalidades de interpretação do analista (num jogo infinito de remetimento de espelhos): a narcisista (Brenman, 1977), que destrói os "quadros", simplesmente porque estimula a inveja e a competitividade da paciente, e a criativa, resultado de uma ligação ($\sigma^7\text{♀}$) com a paciente.

Com o tempo, Tiziana colherá dos quadros do noivo, das minhas interpretações, do seu mundo interior, a qualidade e a tonalidade emocional; "o noivo pinta segundo combinações de cores": é assim que a tonalidade afetiva das interpretações será colhida no seu todo, dar-se-á atenção ao delinear-se, ao organizar-se, ao diversificar-se das próprias sensações, das quais terá quase uma percepção cromática, e somente num segundo tempo "o noivo passará a uma técnica figurativa".

Então, das minhas interpretações, será possível colher também o conteúdo descritivo, e das próprias emoções, também o elemento figurativo.

Percebo assim as qualidades da minha pintura verbal, o ajuste de tons, certas características das minhas cores, e vou à "escola de pintura" da paciente, que me

ensina a fazer quadros que correspondem cada vez melhor ao que ela experimenta e sente durante a sessão.

Mas a paciente também vem à minha “escola de pintura” e por sua vez aprende comigo como passar do cromatismo puro das sensações a uma técnica figurativa, que comporte o reconhecimento e a descrição das próprias emoções e sentimentos.

Dois sonhos de Tiziana testemunham esse percurso.

No primeiro aparece uma mulher da Renascença com os cabelos vermelhos (e uma trança), à qual associa Fanny Ardant; no segundo, eu dou a uma andorinha uns flocos para construir o ninho. É assim que sonha o sucesso de um processo de formação de um “lugar” onde possa guardar os próprios pensamentos e sentimentos ardentes, problema que nos empenhara por muito tempo, desde que me trouxera um “pastel” do noivo que mostrava uma menina aflita com um rasgo no abdome, ou melhor, uma lâmina branca, que indicava a falta de útero: de útero para as crianças, de lugar mental para sentimentos e paixões.

A pequena refeição (“pastéis”¹ serão por muito tempo os trabalhos do noivo) serão os flocos com que construiremos a sua capacidade de pensar e viver emoções com autonomia... que após anos de extenuantes evacuativas “tortas de chocolate”, será vista ocupada em misturar, mexer, provar novos ingredientes e novas modalidades de relação, na sua cozinha afetiva: até fazer as *crêpes*, com as quais entre raiva (*crepa!*)²... e dor (*crepo!*) se constituirá a capacidade de criar algo de novo, fruto de trabalho e de pensamento.

Como se vê, a atenção do analista para com o *hic et nunc* da relação, a interpretação é certamente modulada pela resposta do paciente quanto à “velocidade-distância” (Meltzer, 1976), mas é sempre uma interpretação direta e explícita da relação.

Os próprios pacientes me sugeriram que esta modalidade de escuta seria “estreita demais”, quer pela proximidade às vezes excessiva que pode gerar com a ativação de fantasias de indistinção, quer no que diz respeito à liberdade criativa da dupla que trabalha e à própria liberdade da mente do paciente de gerar “pensamentos”, que não recebem continuamente a “não-confirmação” que o inevitável deslizamento de plano e de sentido da interpretação forte e unívoca frequentemente comporta.

Abre-se então a perspectiva de considerar as interpretações diversamente, conjugando o que deriva das conceitualizações de Bion em relação à “insaturação” e ao “tempo” necessário para comunicar uma intuição, com o que deriva do assunto forte “de dupla” dos Baranger, isto é, o considerar a situação analítica como sendo constituída por um campo bipessoal para cuja estruturação contri-

1 N.T.: em italiano, um jogo de palavras entre *pasto* (refeição) e *pastelli* (diminutivo de *pasto*).

2 N.T.: novo jogo de palavras com *crêpes* e *crepa* (morre) *crepo* (morro).

buem em igual medida o analista e o paciente, mesmo cabendo ao primeiro a responsabilidade pela modulação dos acontecimentos do campo. A conjugação desses pontos de vista permitirá o modo de ver exposto no próximo parágrafo.

O DESENHO DE PALAVRAS NO CAMPO

Parece-me cada vez mais possível assemelhar toda a parte dialogada de uma sessão a um desenho de características peculiares: uma contínua mobilidade de todos os componentes, como num quadro vivo.

O *setting* fornece a moldura, as emoções da dupla proporcionam a tela e as tintas, as palavras têm função de agregação e organização das mesmas, até que delas derive uma forma, uma estrutura no mais das vezes como personagens, contos, histórias, alternadamente do reino animal, vegetal, ou mineral, e assim por diante... mas estas figurações, que variam de acordo com o estado emocional e das relações do par, nada mais são do que o único modo de que as mentes dispõem para narrar o que acontece entre elas, sobretudo por meio da troca de identificações projetivas cruzadas.

É fascinante seguir, nesta óptica, a entrada em sessão de um “personagem”, o seu movimentar-se, transformar-se, sair de cena para se ver substituído, ou acrescentado por um outro “personagem” (de uma anedota, de uma lembrança, de uma história, de um sonho...), mas sempre para dar forma e cor a tudo que acontece no funcionamento mental do par naquele momento.

Modelos diversos interagem de modo muito diferente em relação aos “quadros vivos” das sessões; mesmo aqueles com pretensões de maior neutralidade entram na construção do campo, considerando também o fato de que muitas vezes as interpretações se colocam como defesas da mente do analista, contra a quota de dor mental que não pode ser assimilada ou transformada.

Como resultado dessa conceitualização, o analista assume plena responsabilidade e consciência da própria vida mental, do modo em que ela se apresenta, ao estruturar o campo emocional, afetivo e lingüístico com o paciente, e ao dar vida, entre as muitas histórias possíveis, àquela única e irrepitível derivada daquele encontro analítico, com todos os enriquecimentos criativos e as mutilações específicas. E se isto vale durante toda uma análise, vale igualmente para cada subunidade da mesma, semana ou hora que seja.

É um modelo que comporta a pergunta: “O que eu tenho a ver com o que se estrutura no campo?”... não como coação a repetir, ou fantasmas do paciente projetados, mas sim como sinalizações por parte deles, do que está acontecendo, mesmo que de um vértice no momento desconhecido para nós.

Isto, com a consciência de que o fluxo de influência é recíproco: não somente

o analista influencia o paciente, mas este, por sua vez, influencia o analista, numa circularidade não só do "diálogo analítico", como diria Nissim Momigliano (1984), mas também, e sobretudo, na contínua e recíproca troca de identificações projetivas.

Nesta óptica, o paciente "melhor colega" (Bion, 1980) exerce a função de contramestre que nos conta de novo e continuamente tudo o que acontece de um outro ponto de vista. Seria insensato, creio eu, usar este plano de leitura explicitando-o, como parece sugerir Langs (1975-1978); o capitão responsável pela rota, penso, deve só aproveitar essas sinalizações para manter a rota útil para a navegação: isto é, aquela que consente que as partes psicóticas da personalidade tenham aquelas "realizações" que nunca tiveram.

Se depois de uma sessão considerada muito intensa pelo analista, a pequena paciente contar que a irmãzinha teve uma congestão e perdeu os sentidos depois de ter comido "risoto" demais em poucos minutos, isto será um sinal, para o analista, de que uma carga emocional intensa demais e condensada (risoto: riso¹/alimento; riso/emoção) faz com que a "função" irmãzinha perca os sentidos (desmaiar/ perder as ligações), e que deverá ser reduzido o regime interpretativo e relacional, para que não ocorram "perdas de significados".

Se uma outra pequena paciente sonhar que cobras se aproximam dela, enquanto a mãe lhe diz para não se preocupar, e que o pai a colocou ao volante de um carro muito veloz e, mais, que encontrou no caminho o analista, que quase a atropelou, jogando em cima dela a própria filha, separando a paciente da mão da mãe, o analista não poderá deixar de se perguntar o que ativa as cobras, onde estão o pai que lhe coloca à disposição um carro veloz demais, ou a mãe que não entende o perigo; pensará ainda, que sua própria filha jogada sobre a menina foi uma sua interpretação "certa", mas pensada sozinho e jogada sobre a paciente: como, de fato, interpretara "o irmão que tinha raiva dos sulistas" como uma parte agressiva da paciente, que tinha raiva do analista; ainda não era o momento, havia no campo uma menina que necessitava que a mãe mantivesse ali aquele "irmão perigoso".

Todo esse nível intratextual, ou subtextual, não será certamente interpretável para o paciente; por esta óptica, toda a sessão não será mais que um sonho de contratransferência que ajudará o analista a regular o próprio estado mental e interpretativo para reencontrar aquelas funções específicas de que o paciente necessita, por exemplo "uma mãe que a conserve perto", que entenda os perigos da pressa, das associações velozes demais e talvez impróprias, de partes cindidas:² e depois, por que deveriam ser somente dos pacientes?

Aqui se inverte o conceito de dependência: não deve mais ser o paciente

1 Vide nota da tradutora p. 56.

2 A mesma paciente, após uma minha interpretação que combinava duas partes cindidas precocemente, tem o que definirei "um audiograma onírico" e ouve realmente as vozes dessas "partes" que "falam dentro da sua cabeça".

dependente do analista ao assumir as interpretações comida/criança, como no fundo é aceito pelas partes neuróticas, mas deve ser o analista capaz de depender das necessidades emocionais do paciente. Se um paciente disser: "Meu pai fica demais no trabalho, demais no hospital e pouco conosco em família, nunca nos toma pela mão e muito menos nos coloca sobre os joelhos", não será certamente a erotização que estará em jogo, mas a solicitação de um funcionamento mental diferente por parte do analista, para que interprete e trabalhe menos (explicitamente), acolhendo e escutando mais também o nível manifestado do paciente, respeitando o seu texto, e funcionando como o pai que acompanha e fica afetuosamente por perto, mais do que como pai sempre no trabalho.

Nos quadros vivos que o emparelhamento na sessão gera, são múltiplas as interferências e os incômodos, no mais das vezes gerados justamente pelo analista que, no fundo, funciona (e deve funcionar) como o grande assumidor das identificações projetivas do paciente e, enquanto tal, coloca-se como veículo de entrada em cena de um dado funcionamento mental que o paciente chamará depois de modo "X", ou através do personagem "Z".

Mais que a interpretação que gera um choque no campo, é o recebimento da sinalização do paciente sobre o que acontece que permite uma modificação gradual das intervenções, e, portanto, a transformação dos "personagens" da sessão como expressões do clima emocional do par enquanto trabalha (Ferro, 1991, 1992a,b).

Mas veremos melhor tudo isso no Capítulo V sobre o diálogo.

ALGUMAS REFLEXÕES

Deixarei sem comentário posterior as seqüências clínicas propostas, porque acredito que o modelo subtenso pode ser facilmente inferido das situações descritas.

Gostaria somente de acenar com algumas possibilidades de ver, também através dos desenhos *statu nascenti*, os "agregados funcionais" (como no exemplo dos personagens do pequeno bisão, ou do avião, ou das transformações Robô Pinóquio), no sentido de que existe sempre um vértice do qual se pode olhar o desenho como "agregado funcional", e somente sobre eles eu gostaria de dizer algo mais.

Se é verdade que a troca entre analista e paciente é mais ampla do que a verbal, e que ao lado das palavras existem outras modalidades de comunicação (especialmente através das identificações projetivas de um e de outro, sobre um e sobre outro), isto leva a uma consciência sempre maior de que não é sempre tão imediata a possibilidade de atribuir a um dos dois membros do par analítico as partes e os funcionamentos cindidos, e como estes determinam os acontecimentos da sessão. Rosenfeld (1987) ressalta a capacidade do paciente de sonhar

as partes cindidas da mente do analista e, além disso, as interferências que estas podem determinar na sua ordem mental e interpretativa.

O sonho da noite, que pode ser lembrado ou não ao acordar, é considerado por Bion, e retomado por Meltzer, como a amostra de um procedimento contínuo que acontece seja quando dormimos, seja quando estamos acordados.

Assim, também na sessão está presente um funcionamento onírico das duas mentes que se sonham no fluxo recíproco de estímulos e de identificações projetivas; podemos conhecer os derivados desse “sonho” em vigília como emergem nas fantasias, nas imagens, nas associações, nas narrações e, em algumas situações particulares, nos “fotogramas oníricos da vigília”, verdadeiras imagens do sonho projetadas no exterior (vide Cap. V).

Nesta óptica, os personagens, as narrações, as lembranças, os desenhos, por exemplo, evocados durante a sessão, podem ser repensados por um vértice como “sínteses de funcionamento” do par naquele momento, que mudam e se transformam continuamente, segundo o seu contínuo interagir e dependendo das qualidades do mesmo.

Pensamos, com Bezoari, conforme o que já escrevi na nota 3 do Capítulo II, no termo “agregado funcional”, para definir numa área quase transicional, a nem sempre clara atribuição da composição de um personagem¹ a um ou outro ator/autor da cena analítica: sua parte² minha parte - sua parte projetada... Sua parte projetada e assumida por mim – ou assumida por mim mais alguma coisa minha – e quanto de mim³..., isto é, o conjunto dos problemas postos pela *concepção forte e relacional* das identificações projetivas e do assumir um papel como tem aparecido nos trabalhos já citados, a este propósito, no Capítulo II.

Estas são, todas, variações de formas e de atribuições que necessitam frequentemente permanecer por muito tempo indeterminadas, antes que se possa explicar o seu estatuto relacional explicitável (ademais, não é a explicitação desse estatuto que conta, mas como aos poucos essas “formas” se transformam no jogo das interações mentais).

Estamos habituados a pensar em termos de partes cindidas e abusamos por muito tempo daquelas feias interpretações como “é uma parte de você que”, como se fosse possível uma função espelho do analista, de tal modo que não estruture o campo que ajuda a definir... com todos os problemas relativos a como considerar os personagens trazidos à sessão, se do mundo exterior, se partes do mundo interior, se aspectos próprios projetados em personagens do

mundo real... Problema que pode ser *zerado* considerando o personagem, o desenho, ou também toda a comunicação do paciente, por um vértice, mantido em oscilação com os outros, a partir do qual é possível considerar somente personagens (ou narrações) relacionadas com a sessão, dramaticamente em cena, função e precipitado variável do funcionamento do par. No fundo, o agregado funcional não exprimiria nada mais que o conceito oposto ao do bastião, como é descrito pelos Baranger: um fluir de comunicação variável em contraste com um precipitado estático, marmorizado, de identificações projetivas recíprocas, que cristaliza a situação como no impasse ou ao assumir papéis, fruto de identificações projetivas que obrigam a uma posição fixa (Gear et al. 1976).

Naturalmente, tudo isso vale para o desenho, para o jogo, para os componentes dialogados onde será ainda mais fácil mostrar este ponto de vista em ação.

1 Falo de “personagem” porque é mais simples, mas vale também para uma narração articulada, um sonho, uma lembrança, uma anedota.

2 N.T.: em italiano parte pode significar o “papel” de personagem ou “parte” de um todo.

3 Ou nas inversões de fluxo: partes de mim projetadas e assumidas por você, com quanto de seu?... e assim ao infinito.